



Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância
Polo Santana do Ipanema - AL



Maria Cleuma Ramos de Melo Santana

Maria Edineide de Melo Silva

**LEITURA E ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: INTERFACE
ENTRE PIBID E PNAIC**

Santana do Ipanema, AL

2015



Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância
Polo Santana do Ipanema - AL



Maria Edineide de Melo Silva¹

Maria Cleuma Ramos de Melo Santana

LEITURA E ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: INTERFACE ENTRE PIBID E PNAIC²

Artigo Científico apresentado ao colegiado do curso de Pedagogia da Universidade aberta do Brasil – UAB pela Universidade Federal de Alagoas –UFAL como requisito parcial para obtenção da nota final do trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Maria Auxiliadora Cavalcante³

Santana do Ipanema – Al

2015

¹ Concluintes do Curso de licenciatura em Pedagogia plena pela UFAL- Polo Santana do Ipanema - AL contato: neidemelo.21@gmail.com

² TCC desenvolvido no período de fevereiro a dezembro de 2014, quando participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), na Escola Municipal Durvalina Cardoso Pontes, em Santana do Ipanema.

³ Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (1996), Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2001) e Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto-PT (2011). Coordenadora do PIBID/Pedagogia/UAB/UFAL, no qual desenvolve a pesquisa "Ampliando a formação inicial em leitura, escrita e oralidade com autonomia e criticidade e da qual participam 16 bolsistas, 03 professores supervisores dos anos iniciais de 02 escolas públicas municipais em Olho D'Água das Flores- AL. Contato: auxiliadora.s.cavalcante@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA EAD

FOLHA DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

MARIA CLEUMA RAMOS DE MELO SANTANA

MARIA EDINEIDE DE MELO SILVA

**LEITURA E ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: INTERFACE
ENTRE PIBID E PNAIC**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia EaD do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Artigo Científico defendido e aprovado em 02/09/2015.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante (Orientadora)

Prof^a Ma. Madileide de Oliveira Duarte (Examinadora)

Prof^a Ma. Ana Cristina de Oliveira Souza (Examinadora)

Maceió

2015

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiências vivenciadas por duas alunas-professoras que atuam no ciclo de alfabetização, em duas escolas públicas, situadas no município de Santana do Ipanema-AL. Para isso, planejamos, elaboramos e executamos atividades docentes em duas turmas do 3º ano, da faixa de 8 a 12 anos. Para realizar essas atividades tomamos por base as orientações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), como também os estudos e orientações decorrentes da Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Os resultados apontam que um dos maiores desafios do professor atualmente é despertar nos alunos o gosto pela leitura, fator importante na educação escolar, que constitui um instrumento necessário para a realização de novas aprendizagens, no entanto, seu conceito tem sido compreendido tradicionalmente como um ato mecânico de decodificação de palavras.

Palavras – Chave: Alfabetização; Leitura e Escrita, PIBID; PNAIC.

Introdução

O debate, as reflexões e questionamentos sobre educação vão além do que se refere ao direito à educação, ou seja, o direito de aprender na atualidade é o que se tem buscado. Partindo dessa premissa, a preocupação com a aprendizagem está automaticamente ligada à leitura e à escrita, pois, ensinar a ler e escrever é o grande desafio posto para os educadores.

A leitura está estreitamente ligada à escrita, mas seu processo de aprendizagem está tradicionalmente ligado às peculiaridades linguísticas, culturais, sociais e à formação do sujeito, partindo desse pressuposto surge à necessidade de se discutir sobre o processo de leitura e escrita nos primeiros anos do Ensino Fundamental, dada a sua magnitude para o processo de ensino e aprendizagem.

A nossa pesquisa teve por objetivo planejar, elaborar e executar atividades docentes em duas turmas do 3º ano, sendo a turma A composta por 28 alunos, 12 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, da faixa de 8 a 11 anos, sendo 20 alfabetizados e 08 não alfabetizados. A turma B, também composta por 28 alunos, 14 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idade entre 08 e 14 anos, sendo 08 alfabetizados e 20 não alfabetizados, que estudam em escolas da rede pública de Santana do Ipanema-AL, bem como, observar o envolvimento dos alunos tanto nas ações propostas pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), como também em atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), levando em conta fatores como participação, interesses e avanços no processo de leitura e escrita, contribuindo assim para uma melhora significativa na aprendizagem da turma. Para fundamentar esse texto, utilizamos autores como Cagliari (1993), Bajard (2002), Ferreiro (2001), Freire (1996), Morais (2012) entre outros.

Dessa forma, consideramos nossa pesquisa relevante porque a questão da leitura e escrita, sobretudo no processo de alfabetização continua sem avanços significativos do ponto de vista da prática em sala de aula, e o que vemos são programas de incentivo a alfabetização na idade certa, só que a nossa inquietação vai além, analisando também os níveis de aprendizagem de crianças que se encontram em distorção idade série.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Embora para muitos seja algo simples, o ato de ler passa a dar novos significados as coisas, imagens, panfletos e livros. O mundo de quem é letrado avança em relação ao mundo de quem faz apenas a leitura de imagens, mas não atribui significado às mesmas, ou às palavras que estão discriminando o seu sentido, como se em cada frase, houvesse um enigma a ser decifrado e apenas quem sabe interpretar lançar valor, dar sentido consegue descobrir o que está nas entrelinhas, o não dito. E é esta leitura de entrelinhas que precisamos despertar em nossos alunos, pois os mesmos vivem rodeados por informações prontas, tecnologias e jogos de resposta imediata e pouco ou nada querem no que se refere a refletir, analisar, interpretar textos ou quaisquer formas de leitura que lhes são sugeridas.

Segundo Cagliari (1993), a alfabetização é sem dúvida, o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi o momento mais importante da História da humanidade. O ato de ler e de escrever é um processo cognitivo, mas a busca por seu desenvolvimento depende, muitas vezes, de como ele acontece. Cabe, no entanto ao professor, procurar maneiras, caminhos alternativos, que possibilitem o aprendizado da leitura, respeitando o tempo de cada aluno, fazendo com que ele supere a sua própria limitação.

A escrita constitui-se como uma representação simbólica da linguagem falada, porém não consegue ser totalmente fiel a ela, pois as possibilidades do uso da linguagem falada são inúmeras, e a escrita tenta apenas aproximar-se desse universo. Ferreiro (2001) aponta algumas posturas que são de suma importância para que as práticas pedagógicas consigam atingir resultados satisfatórios, que permitam as crianças serem alfabetizadas:

É necessário mudar a própria concepção do objeto, para que se entenda porque a alfabetização implica em um trabalho conceitual, que em certo sentido é similar ao caso da matemática. A criança pode recitar o abecedário, tanto como recitar a série dos números. Contudo, isso não basta para chegar à noção de número, nem basta para entender o que está escrito e qual a sua relação com a língua oral. A modificação do objeto conceitual é imprescindível (FERREIRO, 2001, p.22).

Acreditamos que os problemas e desafios sobre questões de alfabetização que atualmente são colocados já foram bem piores, podemos perceber que em nosso País houve avanços no estudo dessas questões que envolvem a alfabetização e a escola, de um

modo geral, entretanto, ainda há muito que se superar. Sabemos que alfabetizar vai muito além da escrita em códigos para transcrever a fala, mas as perspectivas estão cada vez mais amplas levando em consideração muitas das situações discursivas em que o indivíduo está inserido. Em função disso, a criança passa de uma série para outra com enorme carência com relação aos conhecimentos linguísticos, ganhando proporções abismais no tocante à aprendizagem. O que seria construído firmemente nas fases iniciais da aprendizagem, passa a ser fragmentado e mascarado nas séries seguintes, prejudicando em demasia o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Contemporaneamente essa deficiência de aprendizagem vem se tornando motivo de angústias, questionamentos e pesquisas constantes a fim de solucionar o problema da baixa taxa de Alfabetização e Letramento no Brasil. Para suprimir tanta carência num mesmo enfoque - aprendizagem -, as escolas procuram desenvolver projetos voltados principalmente para a leitura e a escrita, buscando com isso, minimizar os conflitos que se estendem praticamente em todas as áreas de conhecimento sistemático.

No processo de leitura, o sujeito ativo, -leitor- passa a construir mentalmente o sentido do que está lendo, para após este processo fazer uso social do seu significado. Mas, esse processo começa antes, pois parte do conhecimento prévio que o sujeito tem do tipo textual, das características de Linguagem impregnadas nesse texto, se é rima, se é poesia, receita de bolo, enfim. O Conhecimento do tipo textual que está a sua frente permite ao leitor impregnar sentido ao ato de ler, utilizando entonação e emoção na leitura de modo que o leve a compreender o que está nas entrelinhas do texto lido, bem como, possibilita a quem ouvir sua leitura a possibilidade de entender o todo e não apenas partes, interpretando o texto e a ele atribuindo significado, pois a decodificação das letras é apenas um dos procedimentos que alguém letrado utiliza para dar significado, impregnar sentido ao texto lido.

Entende-se, no entanto, que a relação que se estabelece entre a leitura e a escrita, entre leitor e escritor, não é mecânica: alguém que lê muito não é, necessariamente, alguém que escreve bem. Para amenizar essa diferença entre grafia e fonética presentes nos textos, é preciso um trabalho constante por parte dos professores, desde o primeiro ano escolar da criança, pois, como sabemos muitas crianças só têm um ambiente alfabetizador na escola, pois os pais pelas mais variadas razões são ausentes na vida escolar dos filhos, o que compromete o rendimento dos mesmos, mas a escola precisa

contornar essa situação propiciando às crianças um contato constante e diário com variadas formas de leitura, aumentando assim seu vocabulário, suas opções de lazer e favorecendo o despertar do senso crítico e leitor que a criança deve exercitar desde cedo.

Somos sabedores que muitos alunos só terão na instituição escolar o primeiro contato com os livros, jornais e outros gêneros textuais. É a escola que tem como principal desafio desenvolver o gosto pela leitura. Portanto, o professor é o principal mediador, que de posse das diferentes estratégias desenvolverá atividades planejadas para que os alunos possam se tornar bons leitores. Cabe a esse profissional, buscar formações específicas na área para desenvolver ações que correspondam às necessidades reais da turma.

3. FORMAÇÃO DOCENTE

3.1. Formação docente no PIBID

No segundo Semestre de 2012, teve início o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tinha como objetivos principais: incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica e incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

O PIBID oferece bolsas para que alunos de licenciatura exerçam e vivenciem o cotidiano pedagógico em escolas públicas da educação básica, contribuindo para a integração entre teoria e prática, aproximando também universidades e escolas, para a melhoria de qualidade da educação brasileira. Para assegurar os resultados educacionais,

os bolsistas são orientados por coordenadores de área – das licenciaturas - e por supervisores - docentes das escolas públicas onde exercem suas atividades.

Durante o período de outubro de 2012 a dezembro de 2014, podemos vivenciar a realidade de crianças de diferentes comunidades em uma mesma escola, conhecendo e trabalhando atividades diferenciadas que tinham como objetivo principal a alfabetização, haja vista que essas crianças não se encontravam no mesmo nível de aprendizagem dos demais colegas de turma, que já dominavam as orientações de escrita e entendiam a fonética das palavras, fazendo uso de uma escrita um tanto satisfatória para o Terceiro Ano do Ensino Fundamental. Com uma proposta de trabalho mais voltada para a diversidade de formas de trabalhar o Sistema de Escrita Alfabética, com jogos do CEEL, alfabeto móvel, jogo das sílabas, dominó de imagens e uma variedade imensa de atividades de raciocínio lógico, algumas crianças concluíram o ano letivo com grandes avanços na aprendizagem, escrevendo ditados de palavras trissílabas e com a percepção dos avanços por parte dos professores.

3.2. Formação docente no PNAIC

Durante os dois anos de formação do PNAIC, percebemos o quanto foi importante essa experiência no âmbito profissional. Cada encontro que acontecia abria novas possibilidades de como trabalhar a leitura e a escrita de forma criativa e atrativa fazendo a diferença na sala de aula. A troca de experiências, a exploração das várias formas de se trabalhar textos nos permitia compartilhar êxitos e dificuldades na execução das atividades, além de ser uma experiência partilhada nos cadernos e que trazia fatos do cotidiano de salas de aula de escolas públicas, de realidade um tanto parecida com a nossa.

Em relação à Matemática, passamos a trabalhar de maneira interdisciplinar, cujas atividades permitiam manuseio de materiais concretos, fazendo novas descobertas e executando as ações descritas no enunciado das questões. A cada aula com os jogos sugeridos nos livros os alunos aprendiam de forma prazerosa. O PNAIC nos possibilitou rever conceitos na prática pedagógica, pois com o desenvolvimento das tarefas ficou comprovado na prática que através do lúdico a aprendizagem é mais significativa.

4. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Nesta seção, vamos relatar experiências vivenciadas como professoras alfabetizadoras que atuam em duas turmas de 3º ano, de escolas públicas municipais, atividades estas desenvolvidas com base no material do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), e também a partir das ações do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID).

A turma da escola A é composta por 28 alunos, com idade entre 8 e 11 anos, sendo três destes alunos especiais, com problemas intelectuais. No início dos trabalhos com o material do PNAIC, percebemos que não havia estímulo para a leitura na sala de aula, e com a montagem do cantinho da leitura, que por questões de estrutura da sala virou um varal de leitura, que precisava ser desmontado ao final de cada aula, pois são três turnos de funcionamento e a organização do espaço ficaria comprometida se fosse fixo. Com a montagem do varal, passamos a trabalhar com o acervo literário do Pacto, pois entendemos o quão importante é para o professor que seus alunos tenham um contato diário com livros, ilustrações, identifiquem autores, compartilhem leituras. No início alguns apresentaram resistência em ir ao varal e pegar um livro para ler, ou simplesmente folhear e ler as imagens, porém, com o tempo todos passaram a ter essa prática como algo diário, sempre que terminavam uma tarefa antes dos colegas já pegavam um livro e ficavam folheando e tentando soletrar palavras. A minoria na turma lia e preenchia fichas com identificação do livro e resumo, também já reconhecia o nome da editora e alguns textos que conhecia de memória associando ao livro que tem no varal. Na rotina da turma foi acrescentado o momento de leitura deleite, onde no início da aula um livro é escolhido no varal e alguma criança ou mesmo a professora faz a leitura em voz alta.

O 3º ano da Escola B, também composto por 28 alunos, sendo 14 meninos e 14 meninas, com idade entre 8 e 13 anos, contava com 11 alunos repetentes. Durante o diagnóstico inicial foi possível perceber que apenas 7 alunos conseguiam ler e interpretar pequenos textos, os demais se encontravam nos níveis pré-silábico e silábico. O trabalho com conteúdos dos livros didáticos foi substituído por materiais para alfabetização, tarefas envolvendo alfabeto móvel, dominó de sílabas e uma variedade de tarefas em que era possível analisar o som inicial das palavras, trabalho este realizado com o material do

PNAIC, em que semanalmente era realizadas rodas de leitura, onde os alunos que sabiam ler escolhiam um livro do Acervo para ler para os colegas, que depois também escolhiam um livro para folhear, ficavam soletrando palavras e realizavam tarefas sobre os livros trabalhados. Na sala também tinha vários textos expostos, com parlendas, fábulas, História em quadrinho, Trava-línguas, enfim, uma variedade textual que de tanto ouvir a leitura algumas crianças passaram a identificar palavras aleatórias presentes no texto e memorizando-as passaram a escrever pequenas frases com essas palavras. Com o trabalho constante com livros e jogos do CEEL, foi possível perceber um avanço significativo na aprendizagem de alguns alunos, que mesmo durante o intervalo costumavam ler os cartazes com textos dispostos nos murais da escola, folheavam livros e liam as histórias preferidas para os colegas ouvir, ou seja, promoviam rodas de leitura por conta própria. No final do ano letivo 15 alunos obtiveram a nota necessária para aprovação.

O trabalho realizado em turmas do Terceiro ano do Ensino Fundamental de Escolas da Rede Pública Municipal nos permitiu observar muitos avanços nas áreas de leitura e escrita, e no desenvolvimento cognitivo dos alunos, que passaram a fazer interpretações orais das histórias lidas em sala e responder exercícios com maior facilidade, usando uma maior variedade de palavras e produzindo pequenos textos para ilustrações trabalhadas em sala de aula. As atividades que exigem raciocínio lógico também passaram a ser resolvidas com mais destreza pelos alunos, que passaram a desenvolver melhor as habilidades de concentração, interpretação e expressividade, pois colocam as ideias no papel com maior riqueza de detalhes.

Por ser a escola um dos espaços de acesso, de questionamento e de ressignificação da produção científica e artística da humanidade, bem como local de formação de valores e de participação cidadã, o trabalho com os diferentes gêneros textuais sinaliza que as demais aprendizagens relacionam-se estreitamente com este amplo cenário em que os sentidos do mundo estão sendo construídos. Nessa direção, a formação dos estudantes como leitores e produtores de textos orais e escritos, falantes e ouvintes é responsabilidade de todas as áreas curriculares da Educação Básica.

Dessa forma, como o professor é o responsável pela alfabetização das crianças na escola, é imprescindível que ele desenvolva um trabalho de modo que os educandos compreendam a importância das habilidades de leitura e escrita numa perspectiva

interdisciplinar, mostrando sua estreita relação com a vida, deixando claro que a leitura faça sentido não somente na escola, mas, sobretudo fora da sala de aula. Para tanto, é preciso que ao alfabetizar, o docente compreenda de fato este processo e reveja sua prática diante da utilização de recursos que efetivem a aprendizagem dos alunos.

Para se trabalhar numa perspectiva interdisciplinar, acreditamos que a literatura possibilita uma abordagem plural, ampliando as diversas capacidades interpretativas dos leitores, o que favorece uma socialização mais rica, tendo em vista as estreitas relações entre os sentidos da vida, a constituição dos sujeitos e os textos literários. Assim sendo, no cotidiano escolar, o aluno tem oportunidade de expressar seus saberes, fazer indagações, refletir sobre questões pessoais ou sociais. Tais situações permitirão ao professor problematizar as aprendizagens, lançar desafios e diagnosticar pontos de partidas para o trabalho pedagógico. Segundo Mortatti (2000),

O trabalho de Emília Ferreiro [...] é uma das mais valiosas e recentes contribuições no sentido de considerar a escrita como a representação da linguagem e não como um código de transcrição gráfica de unidades sonoras. Por outro lado ela considera a criança que aprende como um sujeito ativo que interage de modo produtivo com a alfabetização (MORTATTI, 2000, p.252)

Todavia, apesar de muitas iniciativas e conquistas, continua o desafio em relação não somente à alfabetização, mas também no que diz respeito à qualidade da educação que oportunizamos aos nossos alunos. Consta-se que grande parte dos alunos conclui o ensino fundamental escrevendo muito mal e lendo sem compreender; ao passo que a sociedade busca a cada dia pessoas com mais qualificações e conhecimento, inclusive que dominem o padrão de prestígio da Língua Portuguesa.

Entretanto, na realidade educacional à qual nossos alunos estão inseridos isso se torna cada vez mais desafiador para os professores, haja vista não ter um comprometimento e empenho da família na Educação de grande parte dos alunos da Rede Pública Municipal e Estadual, delegando única e exclusivamente à escola e, sobretudo aos professores a função de Educar, Alfabetizar e transmitir valores para crianças, o que só piora os índices de repetência, evasão e baixo rendimento dos alunos das Séries iniciais do Ensino Fundamental, mesmo com a inserção dos Ciclos de Alfabetização e de Programas de Incentivo à Alfabetização e Letramento, como o PNAIC, que são possibilidades importantes de análise da problemática existente no que se refere à tão

desafiadora, questionada e intrigante fase de desenvolvimento do processo de leitura, onde sabemos que o desafio aumenta significativamente quando há distorção idade-série. O professor necessita de uma formação mais profunda no que se refere a trabalhar com alunos retidos na série, motivando-os, levando-os a querer aprender, a descobrir o mundo mágico dos livros e fazer uso social dessa leitura, e querer realmente aprender, porque quando nos deparamos com crianças que ficam até cinco anos numa mesma série percebemos que a própria criança deixa subentendido que já desistiu de aprender, e sabemos que o conhecimento prévio que eles trazem precisa ser usado em favor de sua aprendizagem, com meios que desperte a curiosidade, que leve a querer descobrir desde a palavrinha afixada na porta da sala, ao texto lindo e ilustrado que a professora expôs no mural.

Partindo dessa premissa, é possível compreender que a aprendizagem não deve resumir-se apenas ao estudo por meio dos livros didáticos, tampouco ficar presa a conhecimentos que não poderão ser aplicados no dia a dia. Os conhecimentos prévios dos alunos, as informações que estão cada vez mais instigadoras, e as tecnologias presentes nos espaços escolares precisam ser melhores utilizadas para que assim o professor possa refletir a sua realidade, o contexto social em que o aluno vive e o contexto educacional aplicado pela escola, de modo que todo um processo siga respeitando as normas de convivência, as crianças aprendam realmente e possam passar adiante valores pregados pela escola, que farão diferença na sua vida social.

É importante relatar que a leitura, no que diz respeito aos anos iniciais se trata, antes de tudo, de um objetivo de ensino e, para se constituir também um objetivo de aprendizagem, é necessário que esta tenha sentido do ponto de vista do aluno. Portanto, para construir o conhecimento é necessário unir o saber comum, a experiência vivida fora do ambiente escolar e a consciência de que é necessário criar meios atrativos para que ler não se torne algo cansativo e enfadonho, e muitas vezes a escola propicia esta construção de forma abstrata, não propiciando momentos de interação entre crianças e livros, não deixando que estes leiam e interpretem gravuras e a partir daí comecem a identificar letras e conhecem, juntando-as descubram também palavras e assim, sucessivamente. No ciclo de alfabetização, levando-se em conta os fenômenos de fruição estética, de imaginação, de lirismo, de múltiplos sentidos que o leitor pode produzir durante a leitura, os gêneros literários encantam e emocionam as crianças, ao ampliar seu universo imaginário e a reflexão sobre seus próprios sentimentos e valores.

Apesar de apresentadas como dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que a leitura e a escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento, pois “são práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias do uso da escrita” (PCN Língua Portuguesa, 1997, p.55).

O que se constata é que as crianças chegam ao Ensino Fundamental com conhecimentos de língua, a partir de suas experiências familiares, sociais e escolares, o que gera uma grande diversidade de conhecimentos e etapas de aprendizagem. No ciclo de alfabetização, a escola deve proporcionar a elas a garantia de que continuem a ampliar seu universo textual e linguístico a partir do ponto em que estão, o que significa respeitar os seus tempos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, fazer com que tenham autonomia para ler e escrever, por meio da apropriação do sistema de escrita alfabética.

Se as crianças concluem o primeiro ano do Ensino Fundamental compreendendo os princípios básicos do sistema de escrita, será muito mais provável que consigam consolidar a fluência de leitura e produção textual nos anos seguintes. Para que, de fato, as crianças estejam alfabetizadas aos oito anos de idade, necessitamos promover o ensino do sistema de escrita desde o primeiro ano do Ensino Fundamental e garantir que os conhecimentos relativos às correspondências grafofônicas sejam consolidadas nos dois anos seguintes.

Segundo os PCN de Língua Portuguesa (1997, p.53), “o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referência modelizadoras”. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escrever. Isto é verdadeiro também sobre aprender a ler, como nos diz Rubem Alves:

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro!

Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está a ler (ALVES, 2002, p 41).

A leitura é uma necessidade do Homem para atribuir significados ao mundo que o cerca, visando decifrar as mais variadas formas de uso da Oralidade e da escrita por parte da sociedade que vive na era da Informação, com recursos tecnológicos avançados, mas que também ainda se atrela ao tradicional, afixando cartazes com anúncios de promoções, ofertas de emprego e informações diversas sobre os mais variados temas. Situação esta que para quem não sabe ler passa por despercebido, pois vê um emaranhado de letras, mas não é capaz de decodificá-las e a elas atribuir sentido. A descoberta dos significados, a atribuição de sentido ao que antes era um emaranhado de letras trás brilho nos olhos, trás uma vontade imensa de descobrir novas coisas, situação esta que pode ser observada ao ver uma criança observando palavrinhas e acompanhando a sequência de palavras lidas com o dedo, se esforçando para descobrir palavras novas.

Aprender a ler é ter acesso ao mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e se organiza. O exercício da leitura se coloca hoje em função do circuito de informações que controla a sociedade. A aprendizagem da leitura constitui uma tarefa permanente que se enriquece com novas habilidades na medida em que se manejam adequadamente estes textos cada vez mais complexos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano de vida escolar. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida.

O trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno à análise e à compreensão das ideias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É importante que o leitor se envolva se emocione e adquira uma visão dos vários materiais portadores de mensagem presentes na comunidade em que se vive. A leitura está basicamente relacionada ao fato de possibilitar ao ser humano o seu sucesso, e a tomada de consciência da sua importância torna-se aí essencial para que se valorize muito a leitura sendo que esta não poderá ser uma ação mecânica, pelo contrário, deverá ser cobrada, exigindo do aluno tudo que foi lido, incentivando-o sempre para que tome gosto pela mesma.

Segundo Freire (1983, p. 34), “a leitura, na nossa sociedade, é uma condição para dar voz ao cidadão, e, mais, é preciso prepará-lo para tornar-se sujeito no ato de ler”. Ler é uma forma de conhecer a si mesmo, tornar-se crítico e ser capaz de interferir para

mudar realidades que não considera justa. O Sujeito letrado vive permeado pelo mundo das informações, além de saber que se não pode resolver determinadas situações, tem algum profissional gabaritado para isso. O fato de saber ler e interpretar o que foi lido, ou seja, fazer uso social destas duas ferramentas educacionais nos permite, entre outras coisas, ser críticos questionadores e refletir com clareza de detalhes sobre quaisquer informações, propostas ou projetos que porventura possamos ter acesso.

Uma população letrada não se cala e sofre os desmandos sociais que muitos enfrentam, porque sabem se posicionar diante das mais variadas situações e agem criticamente de forma Política na defesa de seus interesses, pois não são cobertos pela cortina da ignorância, são capazes de entender as entrelinhas das informações e analisam de forma reflexiva, com posicionamento efetivo e justo.

Partindo do contexto em análise, percebemos que segundo Vieira (2007, p 42), estudos relacionados às práticas de alfabetização têm trazido resultados recorrentes sobre as dificuldades dos professores no desenvolvimento do trabalho de alfabetizar, dificuldades estas recorrentes devido à heterogeneidade de níveis de aprendizagem numa mesma sala de aula, sobrecarregando o professor e comprometendo a qualidade do processo de ensino aprendizagem.

Dentre tais resultados, destacam-se: a falta de clareza nos objetivos que os alunos devem alcançar, a perda da noção de terminalidade característica do sistema seriado e a confusão da noção de continuidade com a repetição do conteúdo no ano seguinte, haja vista, alguns conteúdos que deveriam ser vistos no ano anterior não ter sido aprendido satisfatoriamente pelos alunos, e isso leva a não consolidação de alguns aspectos nos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

Diante da necessidade de atender a um grupo heterogêneo de crianças, revela-se, entre outros aspectos, a fragilidade da formação docente. Apesar do esforço e do empenho dos alfabetizadores, a adoção dessas medidas não tem produzido os resultados esperados, mas tem inclusive antecipado o fracasso escolar (VIEIRA, 2007, p. 57).

As discussões sobre o método de alfabetização ideal ao longo das décadas perdeu força, pois compreenderam finalmente que o foco principal é a forma como o aluno aprende e não o método utilizado pelo professor seja ele sintético analítico ou uma mescla dos dois. Não se pode esperar uma cura para a problemática do baixo rendimento

escolar de muitas crianças, pois as mesmas já vivem rodeadas por informações que de certo modo descontextualizam o que a escola passa como informação e a criança deve transformar em conhecimento.

A alfabetização da criança não é como uma receita, que tem um passo-a-passo a ser seguido e depende de métodos de ensino descritos em manuais com resultado previamente esperado. Nessa perspectiva, defendem que há crianças que já chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a ser alfabetizadas muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. No entanto, há muitas outras crianças e são a maioria em nosso País que necessitam da escola para apropriar-se da escrita, fazendo todo o percurso da alfabetização, inclusive aquele que não foi oportunizado pela família.

Mesmo com o passar dos Séculos, a partir do surgimento do método Alfabético, este assunto ainda segue sendo debatido em Congressos, Seminários e eventos mundo afora, a discussão da chamada Panacéia (cura para todos os males) acerca dos métodos de alfabetização está sempre em pauta, embora autores como Emília Ferreiro (2001) e Élie Bajard (2002) se oponham a este modo de conceber a superação dessas dificuldades. Segundo Bajard: “A criança nasce num mundo onde reina a informação. Dentro de casa, ela é submetida às imagens e aos textos fragmentados da televisão” (BAJARD, 2002, p.24).

Sobre a importância e a necessidade de considerar a leitura um processo contínuo, principalmente na infância, o Professor Paulo Freire (1994) nos lembra de que:

A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização que deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 1994, p.35).

É preciso que entendamos que ensinar a ler considerando o processo de enunciação dispensa qualquer tipo de identificação do sinal gráfico, porque se aprende a falar e, conseqüentemente, a ler, à medida que o outro nos dirige a palavra e espera de nós uma atitude responsiva. O ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e reescrita do lido.

Nesse ponto, a ação da família é fundamental propondo-se situação em que a criança participe de atos de leitura e escrita, mesmo que seja enquanto ouvinte, e seja sempre estimulada a falar, relatar acontecimentos do seu dia, registrar por meio de desenhos ou palavrinhas o que aprendeu na escola ou mesmo no passeio do final de semana, enfim, que os adultos criem as condições necessárias para o desenvolvimento potencial dessa criança. Contudo, é cada vez menor o tempo que as crianças em idade escolar têm para conversar com os pais, que usam a desculpa da falta de tempo para delegar a terceiros a função de acompanhar o dia-dia dos filhos. Grande parte das famílias de hoje não mais se reveste de valores éticos, morais, sociais e educacionais como outrora, o mercado de trabalho competitivo e o mundo globalizado tira pais e mães por mais tempo de dentro de suas casas, fazendo com que seus filhos adquiram novos hábitos que os distanciam da educação difundida pela escola. Associado a isto, outro fator vem a se tornar preponderante: a falta de políticas públicas de qualidade, apoio e incentivo à educação, para que esta realmente seja boa e de qualidade.

Na hora dos contos, é onde a “imaginação cria asas”, em maior parte do tempo a criança passa a ser o personagem da história, viajando aos lugares, os quais oferecem os contos, conhecendo e identificando-se com o mundo que a cerca. Assim aprendem e incorporam as competências necessárias para seu desenvolvimento em interação perfeita entre aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos e sociais. Erram os pais que entregam o processo educativo dos filhos apenas às escolas. Elas complementam o que a família faz. Por melhor que seja, a escola nunca minimizará as carências provocadas por uma família ausente. É no centro das primeiras relações que a personalidade vai se formando, que as influências positivas ou negativas dão o tom do futuro. Não há desculpas para a ausência. Pais que trabalham o dia todo podem ter momentos preciosos com os filhos, lendo para eles antes de dormir ou mesmo pedindo simplesmente que relatem como foi o seu dia na escola. Podem usar finais de semana para conviver mais para aprender e ensinar os filhos. Podem compensar a ausência de quantidade pela qualidade da presença. Segundo Chalita (2014, p. 1), a bela cena de um pai ou mãe lendo para os filhos vai além da poética do aconchego, dos afetos. Entra no campo da inteligência, do desenvolvimento do raciocínio, da criatividade e da ampliação da linguagem.

Os pais que mantêm o hábito de ler para os filhos ampliam seus horizontes cognitivos e emocionais, e mesmo aqueles que não sabem ler ao mostrar interesse pela vida escolar dos filhos fazem uma grande diferença na evolução da aprendizagem das crianças, afinal educação é papel dos pais, cabe à escola a parte da Escolarização.

Segundo estudos recentes é sumariamente importante a leitura para crianças, pois mesmo as que possuem alguns meses de vida e que não compreendem a história, terão mais estímulos ao ouvirem a voz dos pais e ao terem intimidade com o livro. O que se observa é que crianças com pouco mais de um ano, familiarizadas com essa prática, percebem, por exemplo, quando o livro está de cabeça para baixo.

Ao contrário das imagens prontas na TV e do computador, as crianças ouvem a história e passam a imaginar os personagens, os cenários, as roupas, enfim, criam uma nova história a partir da sua imaginação. As imagens no papel estimulam mais a imaginação do que nas telas. Exigem mais da criatividade e da atenção (CHALITA, Diário de São Paulo, 04/07/2014).

Ler é importante para emancipação do leitor que se sente livre das amarras do desconhecido, da ignorância e passa a viver um mundo de informações, que quando compartilhadas geram debates e fazem com que decisões importantes sejam tomadas nos vários campos sociais, contribuindo assim para um melhor estudo e conhecimento da língua, levando a um alongamento das experiências pessoais e conseqüentemente um maior conhecimento do mundo. A leitura serve também para dar prazer, visto que a fruição solitária do livro não se reduz apenas a um passatempo, uma vez que tem função social, cultural e educativa.

O aluno que mantém o hábito constante de ler, no cotidiano escolar tem a oportunidade de expressar seus saberes, fazer indagações, refletir sobre questões pessoais ou sociais. Tais situações permitirão ao professor problematizar as aprendizagens, lançar desafios e diagnosticar pontos de partidas para o trabalho pedagógico.

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informações para compreender melhor algum aspecto do mundo que é o objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para combater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida,

identificar-se com outros autores e personagens, ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos...O necessário é fazer da escola uma comunidade de escritores que produzem seus próprios textos, para mostrar suas ideias, para informar sobre fatos que os destinatários necessitam ou devem conhecer [...] (LERNER, 2002, p. 17)

Famílias ausentes trancam as janelas do futuro para os filhos, tolhem seus talentos e não incentivam sua carreira, e tudo será mais difícil se não for estimulado na infância, afinal é nesta fase da vida que alguns comportamentos são moldados e antecipam assim, um bom futuro. Com a ausência dos pais da vida escolar dos filhos as chaves para as conquistas pessoais e profissionais poderão ser obtidas de outra forma, mas as ausências cobrarão seu preço. Nesse sentido, a psicopedagoga Isabel Parolin faz a seguinte análise:

Destaco que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é ímpar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em serem educadoras, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não é adequadamente contemplado em ambientes domésticos". (PAROLIN, 2008, p.01).

Cabe, no entanto aos pais apresentar às crianças o mundo mágico dos livros, com os afetos e a presença que máquina alguma substitui, e que ao longo do tempo só fortalecerá os laços de cumplicidade que se desenvolverão no virar das páginas, no dizer das histórias, no olhar e sorrir, fazendo com que o convívio familiar seja sempre o pilar de sustentação das crianças. Afinal, é a partir dessa parceria família e escola que novos talentos vão nascendo.

5. RELATOS DO COTIDIANO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Durante os encontros de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade certa era interessante a troca de experiências que fazíamos com professores de outras escolas, que compartilhavam de semelhantes desafios em suas turmas no que se refere à Alfabetização das crianças nos três primeiros anos do ensino fundamental.

Os momentos de leitura compartilhada, os debates e as apresentações dos resultados obtidos com a aplicação das atividades propostas nos cadernos de estudos nos permitia criar novas estratégias para realização de determinadas tarefas, executar

atividades apresentadas em um momento posterior, além de debater e buscar soluções para os conflitos presentes em sala de aula, que comprometem e muito o nosso trabalho, pois como muitas vezes falavam, precisamos estar cientes das atividades a serem desenvolvidas e ter o domínio necessário das mesmas para que façamos as adaptações necessárias conforme a realidade da turma, ou seja, ter um plano B.

O professor ao adotar procedimentos de incentivo e promoção da leitura no cotidiano escolar, cumpre um papel relevante na formação de leitores, na medida em que oferece na sua prática pedagógica oportunidade para que seus alunos conheçam um variado acervo de títulos e experimentem as delícias desse processo, num movimento contínuo de leitura afetuosa – o professor lê e a criança ouve extasiada pela magia e vivacidade contida nos textos. Isso nos permitiu observar também que até professores muitas vezes têm a necessidade de refletir para atribuir sentido ao que estão lendo, e trabalhar com livros infantis nos remeteu à infância, onde não tínhamos acesso a um acervo tão variado de livros, porém o encanto ao ouvir uma linda história de aventura, astúcia e diversão ainda se mantém.

No decorrer dos estudos e relatos foi possível perceber alguns avanços pequenos e significativos na aprendizagem das turmas. Como trabalhávamos com o material recebido do Pacto, as crianças passaram a cuidar mais dos livros, ter curiosidade de manuseá-los, olhar gravuras, soletrar pequenas palavras, saber onde se encontrava o título do livro, autoria e editora que o produzia, prestavam atenção nas histórias lidas e respondiam oralmente a interpretação das mesmas, reproduziam por meio de desenhos as histórias lidas com riqueza de detalhes e escreviam palavras presentes no texto que já sabiam. Algumas crianças, inclusive levavam livros para casa para que o irmão mais velho ou mesmo os pais lessem para ele, ou seja, acontecimentos pontuais, que aos poucos foi mudando o cotidiano da sala de aula e a relação das crianças com os livros.

A pesquisa proporcionou entendimento de que para ensinar e incentivar os alunos dos anos iniciais a se tornarem leitores fluentes, é preciso, enquanto educador, gostar de ler, participar de formações continuadas para atualizar conhecimentos e principalmente desenvolver atividades e projetos que envolvam os alunos nas práticas sociais, nos contextos reais. Deste modo, o aprendizado da leitura e da

escrita torna-se fácil, por ser real e natural, tem sentido e vai sendo incorporado à atividade social da criança, estimulando um sentimento de potência. Torna-se funcional, pois a aprendizagem da leitura e da escrita se dá pelo uso da leitura e da escrita em situações com propósitos definidos.

É importante perceber que, para levar os alunos a pensarem sobre o sistema alfabético e compreender os princípios que o constituem, é necessário diversificar as atividades. Do mesmo modo, para desenvolver capacidades de refletir sobre as características textuais, desenvolver estratégias de leitura e de produção de textos e atitudes de revisão textual, a variedade de posições didáticas é fundamental.

Além da nossa participação no PNAIC, também participávamos do PIBID que era um tanto diferente, pois não estávamos assumindo uma turma, mas sim, desenvolvendo um trabalho na escola, com alunos que apresentavam maiores dificuldades de aprendizagem e não acompanhavam o rendimento dos demais colegas de turma, sendo que a cada bimestre apresentávamos alguns resultados para a turma toda, com atividades de leitura envolvendo contos infantis, poesias, poemas e textos variados.

Mesmo com esse trabalho mais específico era possível observar avanços interessantes na aprendizagem, onde algumas crianças passaram do nível pré-silábico para o silábico-alfabético em um semestre letivo, e os professores e alguns pais reconheceram esse avanço, muito importante na aprendizagem deles e para a sequência da aprendizagem na série seguinte.

No entanto, mesmo tendo constado muito avanços nas aprendizagens dos alunos da turma B, ao final do ano letivo somente 13 conseguiam ler textos de forma esperada para o 3º ano. Falamos isso por compreendermos a leitura como um processo que envolve uma série de estratégias e, além disso, é preciso ter vontade e desejo para buscar, descobrir e aperfeiçoar-se, entender a essência do aprender, e durante as observações, diagnósticos de aprendizagens e mesmo no cotidiano da sala de aula era nítido o descompromisso de muitos alunos com esse processo, além da total negligência e ausência de seus pais na vida escolar dos mesmos, culminando com a reprovação de 13 alunos que não compreendiam nem realizavam atividades de leitura e escrita de palavras simples, outros 2 alunos foram transferidos ao longo do

segundo semestre, mas, já apresentavam notas baixíssimas e a retenção no 3º ano era algo esperado, visto que, na divisão do Ensino Fundamental em ciclos a retenção do aluno só se dá no 3º e 5º ano. O que para muitos significa mais tempo para que a criança desenvolva suas habilidades básicas na aprendizagem de leitura, escrita e matemática, mas que, diante do observado na realidade escolar que temos acarreta a reprovação seguida de muitos alunos numa mesma série, como exemplo temos os 13 alunos reprovados na turma B, dos quais sete estavam repetindo o terceiro ano pela segunda ou terceira vez e mesmo assim não avançavam na aprendizagem. E partindo dessa constatação analisamos os fatos e percebemos que as dificuldades que a escola tem são ainda maiores se olharmos além dos muros da mesma, onde percebemos as crianças convivendo em um ambiente totalmente alheio aos valores passados na escola, sem o mínimo contato com atividades educativas, com pais descompromissados com a educação moral e ética dos mesmos, e nós, enquanto docentes nos sentimos como se tivéssemos que reconstruir dia após dia os conceitos, valores e aspirações que aquelas crianças precisam para assim poderem se lançar a desafios maiores no futuro, almejem uma profissão, acreditem em sua própria capacidade e que para transformar a realidade que vivem precisam e muito entender e se comprometer com a Educação, pois o comodismo do “sem futuro” leva-os à desmotivação, desistência e a uma lamentável distorção idade-série que preenche cada dia mais as nossas salas de aula.

É aceitável que essa divisão do Ensino em Ciclos evita a chamada “Reprovação burra”, ou seja, que os avanços do aluno ao longo do ano não sejam considerados e que tudo se resuma em uma nota, que define progressão ou retenção, mas é questionável os métodos que se criam para isso, pois, independente de saber ou não, de adquirir sequer a coordenação motora fina a criança chega ao terceiro ano, e neste ano o professor se depara com o desafio de realizar um processo que não foi desenvolvido ao longo de três anos em apenas um ano, alfabetizar crianças que, se ainda estivessem no processo de seriação deveriam ter tais habilidades em linguagem e matemática desenvolvidas no máximo até o segundo ano letivo.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo fazer uma reflexão sobre o processo de alfabetização no ciclo inicial. Para isso, tomamos por base as orientações do PNAIC e a formação vivenciada no PIBID. Um dos resultados que foi possível observar logo após o início dos trabalhos com os livros e jogos do acervo do Pacto Nacional foi uma curiosidade até então inexistente das crianças, mesmo as que não sabiam ler, em folhear livros, interpretar imagens, montarem pequenas palavras com sílabas móveis e aos poucos soletrando descobriam palavras variadas em cartazes do mural da sala. Os livros por serem muito coloridos e engraçados chamavam muito a atenção, e alguns deles eram escolhidos para leitura, interpretação e reconto, e as crianças algumas vezes citavam livros e partes das histórias que mais gostavam. Numa dessas atividades, utilizamos um livro da Ana Maria Machado, e além de ouvirem atentamente a história

as crianças responderam a fichas de leitura e várias atividades sobre o texto com uma clareza de detalhes impressionante, e sempre que ia para o cantinho da leitura alguém já pegava o livro e começava a folhear e contar oralmente o que cada cena representava.

As experiências vivenciadas por duas alunas-professoras possibilitaram compreender de forma mais significativa o processo de alfabetização a partir da nossa de participação no PNAIC, por isso os conhecimentos que adquirimos mudou nossa prática de trabalho, levando-nos a utilizar livros paradidáticos durante as nossas aulas, contextualizar a realidade de nossos alunos com textos e filmes que mostravam possibilidades de mudanças e que eram relatadas por pessoas que conhecem os desafios da escola pública no Brasil e os vivencia na prática, além de provocar-nos a buscar essa mudança e para isso partir da nossa turma, modificar o nosso olhar sobre nossos alunos, e persistir nesse processo entendendo que o nosso papel ali é motivá-los, mas que antes precisamos estar motivados, traçar metas, planejar ações e executá-las de forma organizada. O ambiente da sala de aula precisa ser atraente para os alunos, eles precisam encontrar os mais variados gêneros textuais sempre à mão, sentirem-se desafiados e esse desafio nos motiva enquanto docentes, para a necessidade de formar alunos reflexivos, comprometidos e críticos.

A nossa postura diante dos alunos, após as formações do PNAIC foi se transformando, pois tínhamos a cada caderno novos desafios, mas também, relatos de professores que vivenciam no dia a dia realidade semelhantes à nossa, mostrando que embora muitas vezes o professor esteja sozinho na árdua missão de escolarizar, mas que é confundida com Educar que sabemos ser obrigação e papel dos pais, a escola continua sendo uma espécie de refúgio para essas crianças, que vivem rodeadas de informações que mais desconstroem do que produzem valores essenciais à sua formação.

Nos últimos anos foram criados muitos Programas que visam melhorar o processo de formação dos Professores no Brasil, e constantemente esse tema volta a ser discutido e surgem inúmeros questionamentos com relação à qualidade dessa formação, que requer não apenas tempo para apresentar resultados, mas também investimentos sérios e continuidade, pois muitas vezes fazem altos investimentos em Programas e os descartam antes mesmo de apresentarem resultados, e isso cabe

questionar se a falha é na execução das ações ou lá atrás, quando ele foi proposto. Nas últimas décadas, algumas mudanças na Formação de Professores alfabetizadores foram muito importantes e apresentaram resultados um tanto significativos, porém, não podemos esquecer que devemos fomentar o protagonismo nos educadores, eles não devem esperar soluções prontas, mas sim buscar iniciativas para a concretização de suas metas e expectativas, e tal fomento requer um olhar mais criterioso para essa questão, mas um olhar de quem conhece e vivencia tal realidade e não de quem planeja ações sem conhecer sequer a realidade do público a que estas se destinam. O professor precisa ser mais valorizado e não apenas no campo salarial, mas em todos os campos, a vivência constante da pressão psicológica, a falta de autoridade do mesmo diante das ameaças do sistema, que garante todos os direitos ao aluno e os tolhe do professor, o acúmulo de culpa a ele atribuída pelo fracasso escolar do aluno e a falta de estrutura das escolas públicas no País são violências veladas às quais o professor se submete dia após dia, e ainda há quem o critique quando na verdade deveria aplaudir.

Quando a escola pública brasileira tiver os recursos necessários para que o professor exerça bem o seu papel de escolarizar para o qual ele foi preparado, os pais lembrarem-se de Educar seus filhos para o mundo e assumirem seu papel responsável para com eles, e os Gestores assumirem a responsabilidade de elaborar leis que atendam às necessidades do professor, ouvindo-os e não apenas pensando por eles, como se estes fossem marionetes, talvez assim a educação pública no País seja a tão sonhada a cada dia por cada profissional docente, mas, enquanto isso for apenas utopia, nos resta lamentar tamanho descaso e tentar motivar nossos alunos, mesmo contradizendo-nos quanto à nossa própria motivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. **Gaiolas ou Asas – A arte do voo ou a busca da alegria de aprender.** Porto, Ed. Asa, 2004.

BAJARD, Élie. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem.** Cortez Editora, 2002.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 144p. 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1993.

CHALITA, Gabriel. **A criança e o mundo mágico dos livros.** (fonte: Diário de S. Paulo, 04/07/2014- <http://www.gabrielchalita.com.br>- acesso em 08/07/14).

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996.

- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29ª edição, Cortez Editora, 1994. 87 páginas
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- LERNER, Delia. Trad. Ernani Rosa. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o imaginário**, Porto alegre: Artmed, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. **Jabutí sabido e macaco metido**. ilustrações Raul Gastão. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- _____. **Fiz voar o meu chapéu**. Ilustrador: Zeflávio Teixeira. Rio de Janeiro: Formato, 2010.
- MORAIS, Artur G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- MORTTATI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**, Seminário "Alfabetização e letramento em debate". Ministério da Educação, Brasília, em 27/04/2006.
- Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: **currículo na Alfabetização: concepções e princípios**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **A aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **Alfabetização para todos: Diferentes percursos, direitos iguais**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **Os diferentes textos em salas de Alfabetização: O trabalho com gêneros textuais na sala de aula**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- PAROLIN, Isabel. **Relação Família e Escola: Revista atividades e experiências**. Positivo, 2008.
- VIEIRA, L. C. **As práticas das professoras alfabetizadoras como objeto de investigação: teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação do Estado de São**

Paulo (1980 a 2005). 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar), UNESP, Araraquara.

VYGOTSKY L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.